

O retorno do desejo: expectativas das corporalidades femininas sob o prisma de Livia Garcia-Roza

The return of desire: expectations of female corporalities from the perspective of Livia Garcia-Roza

El retorno del deseo: expectativas de las corporalidades femeninas en la perspectiva de Livia Garcia-Roza

Recebido: 22/05/2023 | Revisado: 02/06/2023 | Aceitado: 03/06/2023 | Publicado: 08/06/2023

Fabricia Gonçalves Amaral Pontes

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5869-3534>
Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos Porto S.A., Brasil
E-mail: fabricia.amaral@itpacporto.edu.br

Warlyton Silva Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7284-3395>
Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos Porto S.A., Brasil
E-mail: warlytonsilva@gmail.com

Raimundo Célio Pedreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5525-7565>
Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos Porto S.A., Brasil
E-mail: raimundo.pedreira@itpacporto.edu.br

Maria Dilce Wania Rodrigues de Almeida do Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6551-6970>
Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos Porto S.A., Brasil
E-mail: maria.nascimento@itpacporto.edu.br

Marcia Ferreira Sales

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9122-4108>
Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos Porto S.A., Brasil
E-mail: marcia.sales@itpacporto.edu.br

Sara Janai Corado Lopes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5814-6158>
Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos Porto S.A., Brasil
E-mail: sara.lopes@itpacporto.edu.br

Hugho Alex Neves Pontes

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4592-8712>
Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos Porto S.A., Brasil
E-mail: hugho.pontes@itpacporto.edu.br

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo primordial investigar a percepção do envelhecimento feminino a partir de sua representação na literatura brasileira contemporânea de autoria feminina, mais especificamente a partir de uma possível interpretação acerca das protagonistas femininas das obras *Milamor* e *Amor em dois tempos*, ambas da autora Livia Garcia-Roza. A decisão pelas duas obras, como *corpus* desta pesquisa, justifica-se pelo fato de problematizarem o processo de redescoberta do corpo feminino envelhecido, da sexualidade, do amor sem a necessidade da procriação, ou seja, a ressignificação da mulheridosa está em pleno funcionamento nas narrativas aqui investigadas, embora essas mulheres possuam implicações sociais, físicas, psicológicas e, em sua maioria, silenciadas principalmente no seio familiar. As protagonistas dessas obras têm consciência das consequências do efeito do tempo e da juventude perdida e da reinvenção da velhice. Desse modo, constatou-se que a sexualidade feminina de mulheres envelhecidas será primordial tanto no sentido das relações sexuais-afetivas entre parceiros quanto com o cuidado de si. Quando a essa mulher direciona o olhar para o seu corpo, nos seus momentos de intimidade, sabe que esse corpo não é mais o mesmo de outrora, mas ainda assim recorrem à medicina, aos exercícios físicos, aos tratamentos estéticos, às viagens, passeios, clubes da terceira idade; tudo na tentativa de seguirem suas vidas sob outra perspectiva que não a da velha carola, vovozinha, cuidadora dos netos.

Palavras-chave: Amor; Autoria feminina; Envelhecimento feminino; Literatura contemporânea; Sexualidade.

Abstract

The main objective of this research is to investigate the perception of female aging based on its representation in contemporary Brazilian literature by female authors, more specifically based on a possible interpretation of the female protagonists of the works *Milamor* and *Amor em dois tempos*, both by the author Livia Garcia-Roza. The decision for the two works, as the corpus of this research, is justified by the fact that they problematize the process of rediscovery

of the aged female body, sexuality, love without the need for procreation, that is, the resignification of the elderly woman is in full operation in the narratives investigated here, although these women have social, physical, psychological implications and, for the most part, are silenced, mainly within the family. The protagonists of these works are aware of the consequences of the effect of time and lost youth and the reinvention of old age. Thus, it was found that the female sexuality of aging women will be paramount both in the sense of sexual-affective relationships between partners and with self-care. When this woman directs her gaze to her body, in her moments of intimacy, she knows that this body is no longer the same as it used to be, but even so, they resort to medicine, physical exercises, aesthetic treatments, travel, walks, seniors' clubs; all in an attempt to follow their lives from another perspective than that of the old carola, grandma, caregiver of the grandchildren.

Keywords: Love; Female authorship; Female aging; Contemporary Literatur; Sexuality.

Resumen

El objetivo principal de esta investigación es investigar la percepción del envejecimiento femenino a partir de su representación en la literatura brasileña contemporánea por autoras, más específicamente a partir de una posible interpretación de las protagonistas femeninas de las obras *Milamor* y *Amor em dois tempos*, ambas por parte de la autora Livia García-Roza. La elección por los dos trabajos, como corpus de esta investigación, se justifica por el hecho de que problematizan el proceso de redescubrimiento del cuerpo femenino envejecido, la sexualidad, el amor sin necesidad de procreación, o sea, la resignificación de la anciana está en pleno funcionamiento en las narrativas aquí investigadas, aunque estas mujeres tienen implicaciones sociales, físicas, psicológicas y, en su mayoría, son silenciadas, principalmente en el seno de la familia. Los protagonistas de estas obras son conscientes de las consecuencias del paso del tiempo y la juventud perdida y la reinención de la vejez. Así, se constató que la sexualidad femenina de las mujeres que envejecen será primordial tanto en el sentido de las relaciones afectivas sexuales entre compañeros como en el autocuidado. Cuando esta mujer dirige la mirada a su cuerpo, en sus momentos de intimidad, sabe que ese cuerpo ya no es el mismo de antes, pero aun así recurre a la medicina, ejercicios físicos, tratamientos estéticos, viajes, caminatas, clubes de personas mayores; todo en un intento de seguir sus vidas desde otra perspectiva que la de la anciana carola, abuela, cuidadora de los nietos.

Palabras clave: Amar; Autoría femenina; Envejecimiento femenino; Literatura contemporánea; Sexualidad.

1. Introdução

A literatura brasileira contemporânea tem contribuído com discussões sobre o feminino, a partir de representações sob perspectivas de autoras e suas vivências ou reflexões sobre a condição da mulher contemporânea. A auto ficção, a autobiografia, diários, romances, contos, entre outros gêneros estão sendo publicados por mulheres em uma escala considerável. No entanto, a temática sobre a velhice, ainda é pouco abordada (Ruffato, 2021).

Em um estudo desenvolvido pela pesquisadora Regina Dalcastagnè (2005) acerca da personagem feminina no romance brasileiro contemporâneo, entre obras publicadas de 1990 a 2004, demonstrou que somente 8,5% das personagens femininas localizadas nos textos foram representadas em sua velhice. A representação de homens velhos também foi pequena, mas ainda superior, correspondendo a 9,7%. Assim, a questão é relevante e demanda um olhar mais apurado (Chagas, 2021).

Outra pesquisadora que desenvolveu um trabalho relevante sobre mulheres na faixa etária de 50/60 anos pertencentes às classes sociais médias e altas da cidade do Rio de Janeiro é Mirian Goldenberg (2012); seus estudos chegaram a constatar que apesar dos avanços desde a realização profissional à liberdade na vida afetiva e sexual, “a ênfase na decadência do corpo, na falta de homem e na invisibilidade social é uma característica marcante no discurso dessas brasileiras para quem as perdas, os medos, e, as dificuldades são associadas ao envelhecimento” (Goldenberg, 2012, p.51).

Essas questões são importantes para serem discutidas, no entanto, raramente são contempladas na literatura, ou seja, a invisibilidade de que se queixam as mulheres em seus discursos estende-se à produção literária, que omite ou diminui a presença da mulher idosa e em geral não lhe concede o papel de narradora. Nessa mesma linha de pensamento, recorremos a Roland Barthes em sua *Aula Inaugural* da Cadeira de Semiologia na França (1977), quando ele afirma que a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum papel; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. E porque ela nos permite designar saberes possíveis — insuspeitos, irrealizados por trabalhar com os interstícios da ciência (Barthes, 1980).

Desse modo, o objetivo da presente pesquisa é de descrever o romance de Garcia-Roza, *Millamor*, ao delinear o papel da mulher viúva e aposentada às vésperas de completar 60 anos, que traz à luz impasses, transformações e dilemas comuns, em

maior ou menor medida, de mulheres que, assim como a personagem da ficção, estão adentrando na velhice e, conforme a categorização do Estado, tornaram-se “idosas” (Soares, 2018).

Metodologicamente, sob o viés qualitativo, temos uma pesquisa exploratória, bibliográfica e documental por ter a finalidade de desenvolver e esclarecer como o envelhecimento feminino se difere do masculino e ainda, tem estreita relação com o poder aquisitivo do sujeito.

2. Metodologia

A pesquisa é caracterizada como aplicada, descritiva, exploratória, de abordagem quali-quantitativa, por meio de uma pesquisa bibliográfica, sendo uma revisão integrativa de literatura.

Conforme Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa aplicada é aquela utilizada visando gerar conhecimentos para a aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Já a pesquisa descritiva visa descrever, analisar e verificar a relação entre fatos e fenômenos existentes no estudo, propondo-se a fazer investigações detalhadas para um melhor entendimento quanto as causas e consequências daquilo que é pesquisado, enquanto as exploratórias são utilizadas para ampliar o conhecimento sobre o pesquisado, familiarizando-se com os fenômenos que surgem ao longo da pesquisa e baseando em pesquisas bibliográficas.

Isso se dá devido ao estudo buscar por dados de outros estudos que apontem para a produtividade relacionada às expectativas das corporalidades femininas sob o prisma de Livia Garcia-Roza.

Já no que se refere à abordagem do problema, a pesquisa caracteriza-se como do tipo quali-quantitativa, definida por Gerhardt e Silveira (2009) como aquela uma abordagem completa, que inclui o método qualitativo, realizado a partir de técnicas descritivas, com o método quantitativo, realizado por meio da representatividade para facilitar a compreensão dos resultados.

Por fim, a pesquisa trata-se de uma pesquisa bibliográfica, definida por Prodanov e Freitas (2013) como aquela realizada por meio de pesquisas já existentes, disponíveis em artigos, livros, periódicos, revistas e afins. É, ainda, uma revisão integrativa de literatura, conceituada por Ercole et al. (2014) como um método de pesquisa voltado à sintetização de resultados encontrados em outras pesquisas de mesma temática, através de um esgotamento de uma fonte de dados sobre o tema, de forma sistemática, ordenada e abrangente.

Assim, considerando o tipo de pesquisa, utilizou-se a proposta de Gil (2008) para a elaboração de pesquisas bibliográficas, seguindo as etapas de: definição de fontes, coleta de dados, análise e interpretação dos resultados e a discussão.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa iniciou-se com a definição da fonte de dados, onde conforme o tipo de pesquisa definido, optou-se pela busca por estudos da base de dados Google Acadêmico, visto que a mesma reúne publicações de grandes portais, como Periódico Capes, SciELO, além de grandes revistas a nível nacional e internacional.

A coleta de dados se deu a partir de uma busca pelas palavras-chave: “literatura”, “expectativas das corporalidades femininas” e “Livia Garcia-Roza”, uma vez que estas apresentaram dados mais satisfatórios em relação a outras palavras-chave. Assim, inicialmente encontrou-se 201 resultados no Google Acadêmico, porém utilizou-se um filtro relacionado ao ano de publicação, aceitando somente os estudos publicados nos últimos cinco anos, entre 2019 e 2023. Assim, os resultados foram diminuídos para 40 estudos.

No entanto, vale ressaltar que o Google Acadêmico, por ser uma base de dados muito abrangente, inclui estudos que citem essas palavras-chave ao longo do texto e que, por vezes, não são necessariamente relacionadas à obras de Livia Garcia-Roza. Assim, ao verificar as páginas de resultados, identificou-se que após a sexta página, os estudos não se apresentavam relevantes. Desse modo, foram pré-selecionados 20 estudos dentro dessas 6 páginas.

Estes 60 estudos primeiramente foram lidos os títulos, de modo a identificar previamente se tratam realmente do objetivo desta pesquisa. Com essa verificação, foram pré-selecionados 15 estudos, onde estes foram lidos o resumo, sendo verificado que alguns não apresentavam dados relacionados à obr, selecionando previamente 20 deles. Por fim, para a seleção, estes 10 estudos foram lidos na íntegra, sendo selecionados para a pesquisa um total de 10 estudos para compor os resultados e discussões desta referida pesquisa.

Após a leitura de cada um desses 10 estudos, os mesmos foram resumidos conforme a apresentação de dados voltados à produtividade da soja, para uma apresentação sucinta e direta dos resultados de cada estudo. Os dados foram analisados e apresentados na forma descritiva.

3. A Metamorfose do “Corpo Falido” e a Concepção do Belo

No romance de Garcia-Roza, *Millamor*, Maria é uma mulher que ao longo de sua existência cumpriu os papéis sociais tradicionalmente determinados (Beauvoir, 1967): filha, esposa, mãe, avó; vivendo quase sempre em função da família. Perdeu a mãe quando ainda era menina e o pai quando já era uma moça. Com o primeiro marido Paulo teve dois filhos. Esse os abandonou sem explicações. O segundo marido (Haroldo), após viverem alguns tranquilos anos juntos, morreu. Vitor, Maria Inês e os netos (filhos de Vitor), são os seus entes familiares.

Vitor quase não visita a mãe. Segundo ela, a justificativa da ausência do filho é a nora que tem ciúmes das amigas de Maria Inês: “Minha nora tem ciúmes das amigas de Maria Inês. Acha que nossa casa é um bordel! [...] ela proíbe meu filho de vir aqui, e ele, por sua vez, não quer se incompatibilizar com a mulher [...], portanto não aparece” (Garcia-Roza, 2008, p.14).

Dividido em vinte capítulos curtos, o enredo do romance é organizado em torno do cotidiano de Maria, protagonista-narradora, oscilando dentre os problemas e as preocupações imediatas que ela vivencia e os acontecimentos pretéritos que lhe vêm à lembrança, exibindo para o leitor alguns fragmentos da sua trajetória, bem como pessoas e momentos marcantes, vividos desde a infância até o momento da narração o que inclui apontamentos sobre a nova realidade do seu corpo que, segundo ela: “apesar das dietas rigorosas, do constante esforço para ir à hidroginástica, e do longo percurso diário das caminhadas, meu corpo faliu” (Garcia-Roza, 2008, p.7).

Com o falecimento do seu segundo marido, a protagonista e narradora passa a viver com sua filha caçula - Maria Inês – uma mulher em sua plenitude, com vigor físico e, sempre muito atarefada, decidiu que o melhor seria sua mãe morar com ela em decorrência da idade, segundo ela. Viúva e aposentada, Maria por sempre estar à mercê da família, não possui um projeto de vida para si e se sente perdida, sem expectativa, sem ocupações; como se estivesse num vácuo (Alves et al., 2019).

No primeiro, momento Maria descreve como positiva a tomada de posição de Maria Inês: “Moramos bem, minha filha e eu, num bom apartamento, espaçoso, *vazio*, porque ela não gosta de móveis. Precisa se locomover – nos *poucos momentos* em que passa em casa –, *sem nada ao redor, na amplidão*” (Garcia-Roza, 2008, p.8, grifos nossos). As palavras grifadas no primeiro momento possuem um sentido positivo, mas em seguida o efeito de sentido se torna ambíguo, pois ao descrever a casa da filha entende-se que Maria descreve a si mesma como um prolongamento. Em seguida, ela reforça (2008, p.7):

Não tive opção. Com a súbita morte de Haroldo e aproveitando-se da confusão do momento, Maria Inês me trouxe para a casa dela, que fica no alto de uma ladeira, no último prédio de uma rua de paralelepípedos, de difícil acesso (...) nunca pensei que fosse terminar meus dias encapitada num morro (Garcia-Roza, 2008, p.7).

A partir desse excerto, quando a protagonista afirma que não teve opção evidencia-se a falta de diálogo entre mãe e filha. E mais, demonstra também o quanto a filha exerce total controle sobre a vida da mãe. Ela, a filha, é quem determina onde, como, com quem e onde morar (Chagas, 2021). Logo, é nesse cenário controlador arquitetado por Maria Inês que Maria, a protagonista, às vésperas de completar sessenta anos, toma consciência do seu envelhecimento. Como leitoras das obras, é

como se a narradora estivesse nos apresentando de maneira descritiva o estereótipo de uma possível realidade de uma mulher em envelhecimento (Ruffato, 2004).

Ela e Maria Inês vivem em um apartamento, mas devido à solidão acompanhada, Maria ocupa seu tempo com leituras, ligando para as amigas e conversando com as samambaias “conversar comigo é raro. Quando começo a falar se não for para me queixar de alguma dor, ela se desinteressa instantaneamente. Está sempre apressada” (2008, p.8), ou seja, o olhar de Maria Inês a respeito da mãe é interpretado como o recorrente na sociedade - uma pessoa que já fez tudo o que tinha para fazer e, no momento o que ela diz não tem tanta relevância, a não ser que seja um problema de saúde.

Maria Inês, não tem tempo suficiente para ouvir o que a mãe tem a dizer e trata o que sua mãe diz como se fosse um ruído bem distante, sem relevância, demonstrando assim quem possui poder nessa relação. Eis uma mulher jovem, contemporânea, porém, mais uma que reforça a mentalidade tradicionalista e discriminatória no que tange à velhice. O posicionamento desta personagem nos remete às relações de poder em sociedade. Segundo Foucault, essas relações que aparentemente parecem bem pouca coisa são interdições que atingem e revelam rapidamente sua ligação como o desejo e com o poder (Foucault, 2004).

Na obra *Memória e sociedade*: lembrança de velhos, a pensadora Ecléa Bosi (2009) traz pontuações também acerca da manipulação e do domínio que, normalmente recai sobre as pessoas envelhecidas. Para Bosi,

No interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para “seu próprio bem”. Em privá-los da liberdade de escolha, em torná-los cada vez mais dependentes “administrando” sua aposentadoria, obrigando-os a sair de seu canto, a mudar de casa (experiência terrível para o velho) e, por fim, submetendo-os à internação hospitalar. Se o idoso não cede à persuasão, à mentira, não se hesitará em usar a força (BOSI, 2009, p.78).

Dessa maneira, a obra dialoga com a realidade, tendo em vista que Maria representa um corpo envelhecido e silenciado no seio familiar; como uma objetificação, domesticada assim como a falta de móveis, como o vazio e amplidão da casa, “eles deliberam a respeito da minha vida sem me consultar. Acho muito desagradável” (Garcia-Roza, 2008, p. 90). Assim sendo, ela se ampara nas samambaias como suas confidentes mais íntimas. As únicas capazes de lhe ouvirem sem julgamentos e críticas.

Uma mulher silenciada pelas imposições da filha que vê na mãe uma senhorinha, vovozinha, devendo sempre submeter às vontades de alguém (pais, marido, filhos, netos); uma senhora que deve saber se portar nesse lugar. Maria Inês ocupa o lugar daquele adulto que, segundo Beauvoir (1990, p. 54) “tiraniza o velho que depende dele” impondo-lhe regras de contenção, condutas de discrição, doçura, passividade, submissão (sempre dizer sim, jamais não), pudor, silêncio, respeitando sempre as aparências. Sua filha é a representação do silenciamento social acerca das mulheres envelhecidas, a começar pela esfera familiar. Nesse momento surge o questionamento: mas por que todo esse silêncio acerca do corpo da mulher?

De acordo com Matos e Soihet (2003), esse silêncio sobre o corpo feminino é de longaduração, inscrito na construção do pensamento simbólico da diferença entre sexos, e, sobretudo, reforçado nessa linha do tempo pelo discurso médico ou político ou religioso. Para as autoras, na época contemporânea as circunstâncias mudaram, pois o corpo que antes era particular agora se tornou centro de saberes, poderes e conseqüentemente, o lugar de um discurso superabundante às vezes até verborrágico. Mas, como fica o papel da mulher nesse cenário de complexidades?

No transcorrer da narrativa, Maria nos apresenta algumas de suas amigas mais íntimas que utilizaremos para tentar visualizar como essas mulheres reagem às complexidades do contemporâneo. Regina é a primeira delas. Também, em fase de envelhecimento (embora seja mais nova alguns anos), é sua confidente e possui um temperamento mais alegre, divertido, além de ser muito vaidosa: “Com a idade que está, [...] ainda se envolve bastante. Tornou-se especialista em homens casados, segundo diz. [...] Além de ter feito plástica, Regina procura estar sempre atualizada com os termos da moda” (Garcia-Roza, 2008, p.20).

A partir dessas citações pode-se entender a personagem Regina como uma mulher que não aceita o envelhecimento e está seguindo a linha de pensamento da sociedade capitalista para quem o corpo feminino deve estar sempre com a aparência jovial; ela é adepta de todos os tratamentos estéticos possíveis. Segundo sua própria fala em determinado momento: “ser velha estava completamente fora de moda. – Totalmente *out!*, minha cara!” (Garcia-Roza, 2008, p.149).

Regina é uma mulher que cumpre os estereótipos da sociedade contemporânea, na qual o corpo feminino deve estar sempre em forma. Submeteu-se a cirurgia plástica, está sempre atualizada sobre moda, tem a sexualidade ativa, embora aos olhos de Maria sua conduta não seja muito adequada à idade (Melo e Moura, 2020). Nesse sentido, a autora nos apresenta uma realidade feminina que oscila entre a aceitação e a negação do corpo falido. Enquanto a princípio, Maria aceita um corpo em estado de degradação, mesmo lutando para manter-se ativa praticando atividades físicas, Regina nega veementemente a velhice por entender que a beleza e a juventude representam a maneira de redimir esse corpo em degradação. A vivacidade de Regina resiste ao silêncio, à degradação (Carrera, 2020).

Por outro lado, com temperamento rabugento e caricato a narradora-protagonista nos apresenta sua madrinha Estela, com 80 anos, sempre às voltas com doenças, algumas delas passam a impressão de ser apenas para chamar a atenção, nada fatídico e assim: “Estela acha que vai morrer todos os dias” (Garcia-Roza, 2008, p.24). E mais: “Estela gosta de jogar, evive no bingo. Um dia fez uma confusão tão grande numa dessas casas de jogos que precisou ser contida pelos seguranças” (Garcia-Roza, 2008, p.13).

Segundo Melo e Moura (2020), com Estela, compreende-se que a autora traz para a questão o estereótipo dos discursos que circulam em sociedade acerca das mulheres envelhecidas: rabugentas, exageradas, inválidas, caducas; com Regina, querem parecer o que não são – o típico “novinha”, envolvidas com homens casados. Assim, a autora nos apresenta faces diferentes do envelhecimento e como cada mulher reage de forma diferente e às diversas imagens que têm sobre si mesmas.

Para Beauvoir, na medida em que a relação do indivíduo com o tempo se modifica, modifica-se também a relação com sua própria história e com o mundo que os cerca. A não aceitação exemplificada pela personagem Regina é absolutamente previsível e natural, enquanto Estela utiliza o fato da velhice como justificativa para viver reclamando e usa a jogatina como subterfúgio para sua solidão. Já Maria é uma observadora crítica da conduta das amigas, mas não afirma com qual delas se identifica mais (Chagas, 2021).

Ressaltamos que cada personagem feminina, desse estudo, luta com a solidão à sua maneira, ou seja, de manter a jovialidade do corpo até tornar-se viciada em algo como jogos e bebidas. Sublinha-se ainda que Estela, pelo fato de viver sozinha e não tem com quem contar, pois sua mãe morreu quase centenária. Essa também é uma realidade recorrente na sociedade brasileira - mulheres em envelhecimento cuidando de outras mulheres envelhecidas (Carrera et al., 2020).

Entendemos as atitudes de Estela como uma estratégia, um refúgio, uma autodefesa ou até mesmo uma vingança para chamar a atenção das pessoas em meio à solidão em que vive e, por ter consciência dos anos perdidos cuidando da mãe e por não ter tido a oportunidade de cuidar da sua própria vida. Eis o retrato de mulheres que nunca se casaram ou que estão divorciadas ou viúvas e voltam a morar na casa dos pais ou então os levam para morar em suas casas, cuidando deles até seus últimos dias (Machado et al., 2020).

Muitas dessas mulheres anulam suas vidas ao tornarem-se cuidadoras de seus pais. Logo, suas rotinas são modificadas em prol desses cuidados que na maioria das vezes são determinados pelos familiares que já têm suas famílias e não se sentem responsáveis pelos seus pais e, no caso, de terem uma irmã que possa arcar com essa responsabilidade, por que não? A situação dessa personagem faz jus aos estudos de mulheres com mais de 60 anos de Clarice Ehlers Peixoto (1997, p.150-151) para quem:

A opção por morar com filho(a) após a separação ou viuvez não é tão voluntária quanto parece; [...]. O mais interessante é que são os filhos quem decidem sobre o destino da mãe, principalmente, quando ela é proprietária de imóvel onde mora. Das duas uma: ou ela vai morar em casa do filho(a), liberando o imóvel para venda ou aluguel e os filhos se

beneficiam do produto da negociação ou um dos filhos vem morar com ela, deixando de pagar aluguel (Peixoto, 1997, p.150).

Outra personagem feminina que Maria nos apresenta chama-se Alice (mais velha que Maria), não teve filhos e seu segundo marido é um piloto mais jovem que ela, tem uma filha com uma aeromoça (razão dos ciúmes de Alice). A autora nos apresenta o retrato de uma parcela das mulheres brasileiras: as que se casam com homens mais jovens e, as que se apaixonam pelo marido mesmo tendo uma diferença significativa de diferença de idade: “poucos acreditariam, mas se apaixonara pelo marido” (Garcia-Roza, 2008, p.35).

Conforme os estudos de Goldenberg (2012, p. 55), Alice representa as mulheres brasileiras que consideram o homem como “produto raro e extremamente valorizado no mercado”, simbolizando assim um valioso capital sexual, objeto de dor e de prazer, sobre o qual “não há segurança, você sabe, os maridos podem nos deixar a qualquer momento...” (Garcia-Roza, 2008, p.35).

Conforme Paiva, Haddad e Soares (2019), o papel de Alice pode ser compreendido com o daquela mulher que toma a responsabilidade da relação a dois totalmente para si; fazer a relação dar certo é sua responsabilidade ainda mais, vivenciando em um ciclo de amizade em que as outras mulheres são solitárias. Uma mulher com corpo reprimido pela supervalorização do marido

Outra amiga de Maria é Lucila. Sob o olhar da narradora é, aparentemente, a amiga mais feliz dentre elas: “ri com facilidade, talvez porque seja rica. E talvez também porque tenha sido poupada de um grande sofrimento na vida. Era bem casada, com um marido amantíssimo e filhos adoráveis, segundo dizia” (Garcia-Roza, 2008, p.52). Nesta perspectiva, Maria atrela a felicidade de Lucila com o poder aquisitivo almejada por todas as mulheres de sua geração: “um marido, um casamento sólido e satisfatório” (Goldenberg, 2012, p.54-55).

Ainda há a personagem Ana Luísa (não menos importante), separada do marido, amiga que “estava fora havia algum tempo, para espalhar. Sofrera um baque forte na vida, por causa do filho” (Garcia-Roza, 2008, p.153). Depois de o rapaz revelar-lhe que era homossexual, ela ficou totalmente fora de si e viajou para Paris, onde chorou dias às margens do Sena: “sei perfeitamente que hoje em dia todo mundo é homoerótico [...]. A tendência atual é essa. E não há como lutar contra a vanguarda. [...] Mas eu tinha outros planos para Edmond, que se foram Sena abaixo” (Garcia-Roza, 2008, p.154-155).

Finalizando, as amigas do ciclo classe média tem a Ana Luísa. Uma mulher que projetou todas as suas expectativas no filho, porém ficou frustrada ao descobrir que ele é homossexual. Ao descobrir o fato sobre a sexualidade do filho, resolveu distanciar-se para tentar assimilar a situação. Em sua mente não há justificativas para ter educado tão bem um filho e este tomar uma decisão tão destoante da realidade da mãe (Remenche & Sippel, 2019).

Outra personagem feminina que merece ser destacada é Adélia por representar a realidade de uma mulher pobre, velha, sem aposentaria e ainda trabalhando em domicílio como manicure para se sustentar tendo em vista que nenhum salão a contratava mais pelo fato de sua idade (Ruffato, 2004). Não só, mas também por não ter mais um corpo que condiz beleza e estética: “Adélia estava velha, não tinha aposentadoria, e nenhum salão aceitava mais contratá-la; restaram então as antigas clientes que se mantiveram fiéis e que se submetiam semanalmente aos tremores de suas mãos” (Garcia-Roza, 2008, p.75).

Alves, Silva e Morais (2019) descrevem que a velhice de Adélia demonstra a vulnerabilidade de uma mulher pobre envelhecida, representando como em decorrência do poder aquisitivo como a velhice pode ser feliz ou sofrida. Adélia é a representação de que o fato de ser privada de dinheiro para cuidar de si, dificilmente conseguirá manter seu sustento com o prolongamento da idade. Logo, nos questionamos: por quem ela será amparada quando não tiver mais condições de trabalhar? O que fazer quando suas clientes fiéis e, também, envelhecidas não existirem mais?

A obra não é, necessariamente, sobre a realidade de mulheres envelhecidas como Adélia, mas sim, como as das amigas de Maria, todavia, abre nossos olhos para essa realidade mesmo sem sinalizar soluções para o desenrolar da vida da personagem

(Soares, 2018). Conforme sugere a narradora: “[...] é melhor que não continuemos a falar sobre a vida de Adélia, porque teríamos que tocar nos filhos dela, que moram no interior, e são terrivelmente ingratos. Uns bragues” (Garcia-Roza, 2008, p.75). Em suma, o essencial dessas realidades é que cada uma é repleta de experiências felizes ou tristes entrelaçadas nas posições financeiras e sociais. Cada uma com suas nuances.

O fato de ser amigas bem próximas, nesse ciclo de mulheres auxilia-se no quesito convivência, todavia, enquanto para ela seu futuro parecia previsível no vazio solitário, com uma rotina interminável de dias aborrecidos, no transcorrer da narrativa, o amplo vaziosentido por Maria é interrompido quando conhece um “jovem senhor”. Pouco se sabe sobre ele, mas ainda assim apaixonase. Ele se chama Alencar e consigo traz um sopro de esperançaem viver para vida de Maria dando um novo fôlego a sua história. – “bastou um olhar de relance para o tal senhor, para que eu fosse arremetida à região dos sonhos.” (Garcia- Roza, 2008, p.11).

Conforme o exposto, nos capítulos iniciais da obra *Milamor*, a protagonista ainda não tem certeza sobre a sua identidade ou que rumos possíveis sua vida pode tomar, por isso, ela adere,sem questionar, às imposições da própria filha para quem as vontades da mãe são irrelevantes. Entretanto, no percurso narrativo, uma desordem, um sopro de juventude representado pelo personagem Alencar ativará uma nova identidade em Maria.

4. A Redescoberta do Amor

Com o surgimento da paixão por Alencar, Maria volta a sonhar com a possibilidade deum relacionamento amoroso e sexual (Carrera, 2020). A primeira vez que ela o viu, faz com que pensemos naqueles momentos de êxtase, assim a narradora nos conta: “Um clarão em meio à neblina. Um farol ao crepúsculo. [...] Uma luz. Um facho. Uma fulguração. Que não mais cessou de expandir seus raios cintilantes. Passei a ter sonhos turbulentos com o homem que eu havia visto apenas uma vez. Uma única vez” (Garcia-Roza, 2008, p.11).

Até então Maria era uma mulher entregue à melancolia, porém, a partir deste encontro sente um despertar quehá tempos não experimentava: “[...] fiquei feliz em me sentir totalmente fora do prumo. Lembro com nitidez dessa experiência devastadora. Só um homem até então me confundira tanto assim. E não fora Haroldo, que me propiciara uma relação plácida, destituída de embates” (Garcia-Roza, 2008, p.12).

A partir desses sentimentos e encontros Maria, Chagas (2021) reporta que aquela mulher cheia de lembranças passadas, disciplinada pela filha torna-se uma mulher apaixonada por outro homem, mesmo depois de ter sido abandonada pelo primeiro marido e ter ficado viúva do segundo. Maria se permite amar novamente. Com isso, o passado ficou onde deveria ficar: somente em lembranças que agora quase nem são recordadas, pois a alegria e a paixão irradiam os seus dias.

Com essas novas perspectivas de vida, Maria lança outro olhar para o seu corpo e sabe que deve cuidar dele de outra maneira. No início da obra ela já tinha rotulado ele como falido, mas agora está ciente da falta de cuidado com o corpo, ainda mais na velhice que aperda do valor social é um fato, ainda mais para as mulheres (Freitas; Mussi; Assunção, 2019). De acordo com Simone de Beauvoir em sua obra intitulada *A velhice*:

Nem na literatura, nem na vida, encontrei qualquer mulher que considerasse sua velhice com complacência. Do mesmo modo, nunca se fala em “bela velha” no máximo se dirá “uma encantadora anciã”. Ao passo que admiramos certos “belos velhos”; o macho não é uma presa; não se exige dele nem frescor, nem doçura, nem graça, mas a força e a inteligência do sujeito conquistador; os cabelos brancos e as rugas não contradizem esse ideal viril (Beauvoir, 1990, p.364).

O corpo da mulher idosa está associado ao prestígio social e à perda de papéis. Nessa mesma linha de pensamento ser mulher e estar em envelhecimento é um duplo peso suportado pelas mulheres. Conforme destaca Guita Grin Debert (2012, p. 140):

Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria caracterizada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade (Debert, 2012, p. 140).

Em se tratando de Maria, embora ela se sinta uma nova mulher por estar apaixonada, ela tem consciência dos estigmas íntimos e sociais tais como a timidez, a desproporção entre vigor do corpo e a idade (Chagas, 2021). Um certo desagrado com o corpo lhe preocupa ainda mais em se tratando de uma sociedade capitalista em que a mídia, a propaganda faz circular instantaneamente imagens de corpos malhados, bronzeados, com inúmeros tratamentos estéticos disponíveis para que as pessoas tornem-se cada dia mais atraentes, e, sobretudo, desejáveis a qualquer custo. Sempre há um produto disponível para qualquer que seja o “problema” – ocultando assim todos os indícios de que a velhice existe. Segundo a protagonista (2008, p.124, grifo nosso):

Atualmente ninguém quer envelhecer. Tem-se pavor da velhice. Sempre houve esse medo, mas hoje em dia existem meios senão para contorná-la, pelo menos para atenuá-la. Parece que a proposta é passar da juventude à decrepitude. O envelhecimento foi descartado do calendário oficial, como totalmente fora de moda. (Garcia-Roza, 2008, p.124).

Embora Maria faça críticas ao padrão vigente de beleza, rende-se ao comportamento exigido pelo capitalismo vigente que não tolera a velhice. Ou seja, embora tivesse feito críticas à sua amiga Regina quanto aos cuidados considerados por ela, Maria age como a amiga visando apagar vestígios da idade e garantir uma imagem bem cuidada para seduzir Alencar (2008 p. 54-55):

Consultas e mais consultas. Voltei a falar com Regina e ela me sugeriu preenchimento em vários pontos da face. Principalmente em torno dos lábios. Estava com umas ruguinhas em volta dele, como se tivesse falado em francesa a vida toda. Teria jeito? perguntei. Regina me indicou um dermatologista e, quando terminasse a consulta, que eu não se esquecesse de ligar para ela. Fui também ao dentista; estava com algumas provisórias, e temia que elas se soltassem, caso houvesse uma intimidade maior entre nós. Não é bom ser pega desprevenida. [...] Faria tudo que estivesse ao meu alcance para agradar a Alencar (Garcia-Roza, 2008, p.54-55).

De acordo com o excerto, percebemos o compromisso da autora Livia Garcia-Roza em demonstrar o quão difícil é romper com os estigmas, com os pré-conceitos e acima de tudo com os preconceitos enraizados de geração a geração, enfatizando o quanto para a mulher idosa essa mudança é mais árdua tendo em vista que quanto mais se envelhece, as exigências sociais também se ampliam. Manter o corpo plenamente em vigor é humanamente impossível, como explica a protagonista: “É um risco ficar mais velha – como se não coubéssemos mais no mundo (Garcia-Roza, 2008, p.58)”.

E mais, essa tendência fica pior ainda mais quando o assunto é a busca por um par amoroso tendo em vista a sociedade cheia de tabus que privilegia as mulheres jovens. Assim, “se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme, parecem, odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória (Beauvoir, 1990, p.10)”.

Infelizmente, há que se sublinhar que os discursos preconceituosos acerca da velhice são proferidos, inclusive, por sujeitos que também são envelhecidos. Esse comportamento a autora também deixa explícito quando Maria faz uma avaliação

de si mesma e de suas mudanças: “O que estaria prestes a me acontecer?... Durante toda a vida eu havia sidodiscreta, reservada, comedida. Esperei envelhecer para me tornar despidorada? Perder acontença? (Garcia-Roza, 2008, p.69)”.

A própria protagonista considera estranho as suas mudanças de comportamento, seus desejos e impulsos sexuais não condizem com a mulher recatada que ela era e nem com o que foi instruída a ser. Ela perde um pouco o prumo e não sabe como será, de fato, sua vida depois dessa mudança. Maria apenas sente que não é mais a mesma, questionando sua identidade. Crente de suas convicções, portava uma identidade estabelecida de acordo com os padrões socialmente estabelecidos, mas logo se abala ao se ver diante de uma outra perspectiva. Assim, de acordo com Stuart Hall na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006, p.9): “as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visualizado como sujeito unificado.” E mais (2006, p.13):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (Stuart Hall, 2006, p. 13).

Agora Maria não é mais aquela senhora extremamente dependente que a filha lhe forçava a ser. Essa mudança é conceituada por Bauman (2007, p. 16) como reciclagem identitária quando ele assegura que existem possibilidades do indivíduo de refazer seu eu assim que as possibilidades vão lhe sendo apresentadas; um renascimento perante o que foi e não o é mais.

A transição de um corpo que ora silenciado, e degradação para um corpo redimido pelo fato de romper com o modelo esperado de uma mulher idosa, aberta para o amor, para novas experiências, arriscando-se num cenário até então desconhecido e sem garantias ou estabilidades: “Melhor seria optar por um amor platônico, mais condizente com a minha idade[...]. Quem disse que aquele homem tinha interesse em mim?” (Garcia-Roza, 2008, p.96). Em suma, Maria não recua diante das novas experiências, sai do ostracismo, recusa a imobilidade de dias pretéritos.

5. Considerações Finais

Sublinha-se que tratar do amor na velhice é uma temática difícil, pois engloba assuntos que ainda são tabus na contemporaneidade: o corpo de uma mulher idosa e asexualidade, pois de um lado a sociedade ainda tem um olhar assexuado às mulheres envelhecidas que devem ocupar o espaço de avó, cuidadora dos netos, do marido, da casa (quando os tem), até seus últimos dias de vida. Por outro, a sociedade capitalista produz um discurso de que essa mesma mulher deve manter-se jovem, atraente, fisicamente ativa, ou seja, o discurso do autocuidado.

Desse modo, a sexualidade feminina de mulheres envelhecidas será o objetivo primordial tanto no sentido das relações sexuais-afetivas entre parceiros quanto com o cuidado de si. Quando a essa mulher direciona o olhar para o seu corpo, nos seus momentos de intimidade, sabe que esse corpo não é mais o mesmo de outrora, mas ainda assim recorrem à medicina, aos exercícios físicos, aos tratamentos estéticos, às viagens, passeios, clubes da terceira idade; tudo na tentativa de seguirem suas vidas sob outra perspectiva que não a da velha carola, vovozinha, cuidadora dos netos. Essas mulheres não querem mais viver estritamente no domínio privado, logo a identidade e sexualidade dessas mulheres estão intimamente relacionadas. Isso porque quando essa mulher passa a se enxergar com menos cobranças, com mais espontaneidade, com mais cuidado consigo, uma mudança em sua rígida estrutura como mulher se altera, as dúvidas surgem, os (pré) preconceitos até então sustentados tornam-se questionáveis e tudo isso abala a ideia que a mulher tem de si mesma. O que Stuart Hall considera como um deslocamento ou descentração dos indivíduos de um lugar para outro, tanto no mundo social, cultural, quanto no de si mesmos constituindo uma crise de identidade. Ressaltamos que a sexualidade tratada aqui não é aquela direcionada à procriação, mas ao conhecimento de si, de seu corpo, seus desejos e descobertas como uma mulher idosa.

Na obra *Amor em dois tempos* temos a oportunidade de apreciar essa mudança de posicionamentos de Vívian sobre seu corpo, sua sexualidade a partir das experiências como uma mulher que fora casada com Conrado (falecido marido) ou com seu amor de infância, Laurinho, que traz para ela um novo fôlego de vida. Ela, além de vivenciar essas experiências quer que elas fiquem registradas no formato de um livro: “Hilda, estou pensando em escrever história de uma mulher que se apaixona aos setenta anos. O que você acha?”.

Sua amiga Hilda é a personagem que representa antítese de Vívian. Uma mulher de setenta anos, definida como carola pela amiga. Enquanto Vivian preza pela alegria, Hilda apenas vive sem questionar nada. “Deve ser porque é religiosa. Entrega tudo a Deus e, ele que resolva”. Nesse sentido, precisa-se a extrapolação de pesquisas voltadas a sexualidade e as vivências das mulheres com suas identidades e desejos.

Referências

- Alves, R. M., Silva, O. A., & Morais, M. P. A. (2019). A busca da identidade na ficção de Livia Garcia-Roza e Tatiana Salem Levy. *Humanidades & Inovação*, 6(5), 51-58.
- Beauvoir, S. D. (1990). *A velhice*. Nova Fronteira, 3, 19.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*.
- Campos, G. R., Faria, H. M. C., & Sartori, I. D. (2020). Cultura da estética: o impacto do Instagram na subjetividade feminina. *Cadernos de Psicologia*, 1(2).
- Carrera, F. (2020). A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais. *MATRIZES*, 14(2), 217-240.
- Chagas, L. F. (2021). *O ciclo da violência: Psicanálise, repetição e políticas públicas*. Editora Dialética.
- Dalcastagnè, R. (2005). *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, (26), 13-71.
- Freitas Mussi, R. F., Mussi, L. M. P. T., Assunção, E. T. C., & Nunes, C. P. (2019). Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. *Revista Sustinere*, 7(2), 414-430.
- Garcia-Roza, L. (2008). *Milamor*. Editora Record.
- Garcia-Roza, L. (2014). *Amor em dois tempos*. Editora Companhia das Letras.
- Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Editora da UFRGS.
- Goldenberg, M. (2012). *Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira*. Caderno Espaço Feminino, 25(2).
- Loureiro, A. M. L. (2000). *A velhice, o tempo e a morte. Subsídios para o possível avanço do estudo*. Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília.
- Louro, G. L. (2018). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Autêntica.
- Machado, J. S. D. A., Penna, C. M. D. M., & Caleiro, R. C. L. (2020). Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. *Saúde em Debate*, 43, 1120-1131.
- Melo, G. P. F. S., & de Moura Soeiro, Í. C. (2020). A mulher e o deslocamento turístico no mundo contemporâneo: uma contribuição teórico-metodológica aos estudos do turismo. *Caderno Virtual de Turismo*, 20(2).
- Moreira de Lima, S. (2008). *O outono da vida: trajetórias do envelhecimento feminino em narrativas brasileiras contemporâneas* (Doctoral dissertation, Tesis de Doctorado). Universidade de Brasília. Instituto de Letra. Departamento de Teoria Literária e Literaturas Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira).
- Paiva, J., Haddad, S., & Soares, L. J. G. (2019). Pesquisa em educação de jovens e adultos: memórias e ações na constituição do direito à educação para todos. *Revista brasileira de educação*, 24.
- Peixoto, C. (1998). *Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade*. Velhice ou terceira idade, 2.
- Peixoto, C. E. (2004). *Introdução: processos diferenciais de envelhecimento*. In Família e envelhecimento (pp. 9-12).
- Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico*. Universidade Feevale, (2a ed).
- Remenche, M. D. L. R., & Sippel, J. (2019). A escrevivência de conceição evaristo como reconstrução do teci-do da memória brasileira. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 20, 2.
- Ruffato, L. (2004). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Editora Record.
- Soares, F. L. R. (2018). Resenha: Memória e Sociedade: Lembranças de Velho. *Revista Mosaico*, 9(1), 50-52.